

DF-Clima

UM SUSTO NO TERMÔMETRO

O TEMPO FRIO
MUDOU A PAISAGEM
DA CIDADE, TIROU OS
CASACOS DO ARMÁRIO
E FEZ GENTE TIRITAR

Marcelo Abreu
Da equipe do **Correio**

Ocasaco com cheiro de mofo saiu do guarda-roupa. Até aquela velha e surrada calça de veludo — quem diria, a calça de veludo azul — há muito tempo esquecida no fundo da gaveta, deu o ar da graça. Culpa da reviravolta no armário? Uma frente fria que veio do Sul e deverá permanecer na cidade até amanhã. E nem vale entrar na discussão se a calça de veludo continua ou não na moda. Isso é só um detalhe. Quem se importa com isso?

A temperatura baixou. A máxima chegou aos 21 graus; a mínima, em torno dos 16 graus. Um gelo para quem viveu dias de deserto e sauna na capital da República nas últimas semanas. Calor de 31 graus que tirou muita gente do sério.

Como se não bastasse a queda de temperatura, o vento também castigou. Incomodou todo mundo. Doeu na alma. Principalmente de quem teve que levantar de madrugada, tomar banho e ir à luta.

Logo cedo, na passarela que divide o Conjunto Nacional e o Conic, a imagem das pessoas era de desconforto. Rostos contorcidos, mãos no bolso, andar apressado, pouca conversa. E o vento parecia incomodar.

Até a moça da calça de veludo azul, bota preta e casaco de crochê cinza-avermelhado estava com pressa. O homem de paletó xadrez com gorro preto na cabeça também. Assim como o menino de moletom e casaco jeans. E a mulher que insistia em arrumar o cachecol preto sobre a blusa de malha vermelha? Todos tinham pressa. Todos corriam do vento.

“O clima deverá ficar assim até sexta-feira, com possibilidade também de chuvas. No sábado, a frente fria começa a deixar a cidade e o sol deve voltar a aparecer”, informa a meteorologista do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), Maria das Dores Azevedo, de 35 anos.

SEM GORJETA

No Parque da Cidade, ao meio-dia, em dias de sol, o que se vê são atletas correndo. Atletas da hora do almoço.

Edson Gês



A temperatura mínima de ontem ficou perto dos 16 graus e segundo a meteorologia vai continuar assim até amanhã: dia de lãs, veludos e jaquetas

Ontem, no mesmo horário, o cenário mudou. Alguns gatos pingados deram o ar da graça. E, mesmo assim, quem foi lá tratou de chegar agasalhado.

A estudante de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) Sheila Vieira dos Reis, de 20 anos, tinha importante missão ontem. Para um trabalho que está organizando para a faculdade, teria que fazer uma sessão

de fotos no Parque. Detalhe: andando de bicicleta. A moça pádeceu. De moletom azul, quase não conseguia pedalar. Nem falar.

“Está bem frio”, reclamava ela. “Sempre levanto às 8h. Hoje, demonstrei mais do que devia. Só consegui sair da cama às 9h.”

Ele não teve a mesma sorte. Às 5h já estava de pé. Se não trabalhar, não

leva comida para casa. Acordar no meio da escuridão e encarar o frio foi um tormento, mas tinha que ir. José Lemos Dias Carneiro, de 63 anos, vigia carro em dos estacionamentos do Parque da Cidade. Faz isso há pelo menos uma década. Faz pelo menos dez anos que o maranhense mantém a numerosa família com o que leva do trabalho diário.

Casaco de moletom, camisa manga comprida e calça preta, lá foi o homem. Pegou o ônibus no Parque da Barragem e às 7h já estava no Parque. Desanimou — embora já conheça a situação — com o que viu. Meia dúzia de carros estava no estacionamento do qual toma conta.

“Hoje, não levo nem R\$ 3 pra casa”, conformava-se. “Quando não

tá frio, aqui lota. Consigo até tirar uns R\$ 15”, contabiliza o homem que teve 18 filhos. “Onze de sangue e 7 adotados”, orgulha-se ele, cruzando os braços para se proteger do vento gelado no Parque da Cidade.

SEM BANHO

A hora de acordar foi um suplício. Tomar banho? Nem pensar. “Tomo banho assim que levanto, mas hoje não consegui. Só à tarde”, brinca a adolescente Samantha Ferrate, de 15 anos. Aluna do 1º ano do 2º grau do Colégio Sigma, ela confessa que, ao contrário dos outros dias, teve dificuldade em levantar.

“Levantei por causa do despertador. Mas foi bem complicado”, diz. Ao meio-dia, Samantha e a irmã, Érica Ferrate, de 12 anos, esperavam a mãe nos fundos da escola (que dá para o Parque da Cidade). Sentadas debaixo de uma árvore, Samantha enrola as mãos embaixo do casaco. Faz cara de quem não está suportando o frio, de desconforto mesmo. Érica lê uma revista. O vento é forte. Finalmente a mãe chega, as duas meninas saem correndo. Entram no carro e fecham o vidro. Vento? Nem com reza.

Na Rodoferroviária, a cena é surreal. Imigrantes à procura de passagem para voltar à terra natal fazem filas deitados no chão gelado. Alzenir Viera dos Santos, de 23 anos, não se contentou só com um cobertor. Vestiu dois casacos, uma touca de meia e ainda se enrolou num lençol.

Pernambucana de Belém de São Francisco, Alzenir conta que há um mês vive na Rodoferroviária. “No calor, é bom. Mas, moço, de ontem pra hoje, vixe maria, a coisa piorou. Banho? O senhor tá doido. Com essa água gelada?”

A poucos metros de Alzenir, outra cena deplorável. O alagoano Edmilson Souza, de 30 anos, dormia enrolado num cobertor puído. Estava coberto dos pés à cabeça. Só parte do pé esquerdo ficou de fora. Ao lado dele, o filho Wesley, de 5 anos, contorcia-se de frio. Só vestia bermuda curta e camiseta. Não havia cobertor para o garoto. “O que vim fazer aqui? Vim ver se consigo um lote. Lá em Alagoas a coisa tá ruim”, diz o pai. “O frio? Tá brabo, né?”